OS PODERES DA CRIANÇA MÁGICA

Amadeu António

A progressão clara que o texto aborda:

1. Criança Interior (ferida / adaptativa)
2. Adolescente (pânico / martírio)
3. Parente crítico (culpa / resignação)
4. Ambição negativa
5. Libertação
6. Despertar da Criança Mágica
7. Manifestação consciente da realidade

É, sem dúvida, um prazer regressar a São Francisco, um verdadeiro privilégio. E é uma grande alegria ter a oportunidade de trabalhar convosco, especialmente nesta noite, que, sendo um workshop noturno, seguirá formatos que já nos são familiares, mas abordará as questões de forma muito mais mágica, explorando o que está nas entrelinhas, por detrás das palavras, ajudando-vos a compreender e, depois, a revelar uma parte absolutamente maravilhosa de vós próprios — uma parte admirável de quem sois e de quem ainda poderão tornar-se.

É, pois, uma alegria estar aqui. Sabemos que muitos de vós permanecerão connosco ao longo do fim de semana, enquanto exploramos novas formas de magia através das Vozes Interiores e do Sucesso Exterior, da Sabedoria Interior e do Sucesso Exterior. E muito do que abordaremos esta noite, ao falarmos da Criança Mágica que reside em cada um de vós, será extremamente útil e será explorado em maior profundidade e detalhe nos próximos dois dias. Contudo, esta noite, queremos abordar essa temática de forma muito específica e direta convosco. Assim, damos as boas-vindas não apenas aos que irão acompanhar-nos no fim de semana, mas a todos vós, dando início a esta noite de exploração mágica, enquanto começamos a trabalhar com os poderes desconhecidos da Criança Mágica.

Já se passaram mais de dez anos — quase duas décadas — desde que teóricos da psicologia e especialistas em comunicação começaram a explorar e a discutir o conceito da Criança Interior. Esse conceito revelou-se extremamente valioso, pois, a partir dele, muitos esquemas psicológicos e modelos de comunicação foram desenvolvidos para ajudar as pessoas a compreenderem-se melhor e a perceberem o que se passava nas suas interações. Ao longo destes quase vinte anos, o conceito da Criança Interior tornou-se uma ferramenta válida, uma técnica útil na psicologia, nas relações humanas, na comunicação e até em contextos empresariais.

Este conceito, ainda que seja uma técnica viável — única e importante — continua a ser, no entanto, uma técnica. Pois bem, sensivelmente na mesma altura em que outros começavam a falar da Criança Interior, nós também começámos a abordá-la, só que de uma forma diferente: falámos de uma Criança Interior real —

de carne e osso — uma parte viva e ativa da vossa consciência, uma parte atual e presente de quem realmente são. Sugerimos, então, que a ilusão do tempo e do espaço era muito mais do que uma teoria — era uma realidade. Afirmámos que o tempo e o espaço são, de facto, ilusões — não apenas uma ideia excêntrica, mas uma verdade. E, sendo essa a realidade, essa Criança Interior não é apenas um conceito, não é apenas uma técnica — é um facto, é algo real. Começámos a trabalhar com essa realidade de forma eficaz e vocês também o fizeram, utilizando-a para transformar, remodelar e reestruturar os processos das vossas vidas, do vosso crescimento, da vossa metafísica e da vossa espiritualidade.

Com o tempo, muitos dos mesmos teóricos e especialistas vieram a reconhecer que o tempo e o espaço são, efetivamente, uma ilusão. E nesse contexto, também começaram a compreender a realidade de uma Criança Interior autêntica. No entanto, queremos agora avançar e começar a falar da realidade da Criança Mágica, enquanto outros ainda se encontram a ponderar apenas o conceito. Portanto, esta noite não queremos falar apenas de uma nova técnica, de uma nova teoria ou de um nome mais literário para algo que já conhecem. Queremos, sim, abordar algo muito real — uma parte viva, embora sem forma física, de quem são — uma parte que chamamos de Criança Mágica dentro de vós.

Já o dissemos dezenas de vezes e repetiremos outras tantas: este é um ano de despertar e esta é uma década de mudanças monumentais. É vital — verdadeiramente vital — que despertem para o vosso poder, para a vossa responsabilidade e para a vossa força. E estão a fazê-lo. No vosso mundo, mesmo neste curto período de tempo que já decorreu neste ano, tanta coisa sucedeu. E, ao observarem o que se passa à vossa volta, tudo se afeiçoa praticamente avassalador.

Diariamente, surgem novos milagres, mudanças grandiosas, consequências impressionantes que, até há pouco tempo, pareciam completamente impossíveis.

É entusiasmante, sem dúvida, é envolvente, capta a vossa imaginação e atenção, como deve ser. E é importante. É importante que acompanhem, que estejam atentos a tudo o que está a acontecer nesse mundo exterior. Muitas vezes falámos sobre o facto de o tempo estar a acelerar. Mas não nos referimos ao ponteiro dos segundos a mover-se mais depressa; referimo-nos a acontecimentos que surgem com maior rapidez, pensamentos que se tornam realidade mais depressa, sonhos que se concretizam, visões que se manifestam com uma velocidade nunca antes vista. Está a acontecer.

E com essa aceleração da manifestação, torna-se absolutamente essencial que acompanhem o ritmo e que prestem atenção ao que se passa à vossa volta. No entanto, essa aceleração não se limita ao mundo exterior — não ocorre apenas na

América do Sul, na América Central, na África do Sul ou noutras regiões de África, nem apenas na Ásia, onde o Japão está a passar por grandes transformações, bem como outros países orientais a encontrar o seu caminho — até mesmo mudanças na China, das quais ainda nem sequer ouviram falar, mas sobre as quais em breve ouvirão. Essa manifestação da aceleração não está a ocorrer apenas fora de vós — está a acontecer também dentro de vós. Dentro de vós.

E é igualmente — senão mais — importante que acompanhem o que se está a passar dentro da vossa própria realidade. Pois dentro de vós, há uma Criança Mágica. Uma Criança Mágica que está a começar a despertar. E, como dissemos, não se trata apenas de uma nova técnica, nem de uma meditação mais profunda, nem de um nome alternativo para algo que já conheçam.

A Criança Interior, de que falámos durante tantos anos, e a Criança Mágica, sobre a qual começamos agora a falar, não são a mesma coisa. Alguns de vós podem ter vindo esta noite ao ver o título "Utilizar os Poderes Mágicos da Criança Mágica", esperando que falássemos sobre aquela Criança Interior de que tanto se tem falado, talvez pensando que se tratava apenas de um novo nome, mais poético ou sofisticado, uma espécie de sinónimo ou eufemismo para o termo já tão conhecido. Mas não — não é isso. É algo diferente.

Certamente, trabalhar com a vossa Criança Interior é de importância vital, e, à medida que avançarmos nesta noite, talvez compreendam com maior clareza do que nunca o quão essencial esse trabalho ainda é. Mas a forma de trabalhar com a Criança Interior passa por responder às suas necessidades e exigências, concedendo-lhe espaço, reconhecendo a sua própria realidade, oferecendo-lhe o seu "recreio," por assim dizer, o seu palco de ação, para que não interfira — para que não tenha de interferir — no vosso próprio palco, na vossa própria realidade.

Trata-se, essencialmente, de apaziguar a criança, satisfazer-lhe as carências emocionais, cuidar dela e colocá-la "de parte," por forma a permitir a manifestação das realidades que desejam criar, sem interferências. A Criança Mágica é diferente. A Criança Mágica não é para ser contida nem afastada; é para ser envolvida, integrada na vossa realidade, de modo que participe naquilo que estão a criar, em vez de ser separada do processo criativo.

A Criança Mágica não tem as mesmas necessidades limitadas, não carrega os mesmos vazios ou feridas emocionais, não se encontra estagnada como a Criança Interior tantas vezes se encontra. A Criança Mágica está, antes, adormecida. E, uma vez despertada, detém um poder imenso — um poder que poderão usar, que poderão convocar, não para aplacar, mas para envolver e manifestar realidades verdadeiramente mágicas e admiráveis. Realidades que estejam em sintonia com as

transformações monumentais e magníficas que estão a ocorrer, de forma a despertar a vossa força interior, o vosso poder, e a responsabilidade que advém de ambos.

Essa Criança Mágica é real — absolutamente real. Está viva, apenas adormecida dentro de vós. Envolta em silêncio, escondida atrás dos véus da adaptação e do cinismo, obscurecida por ambições negativas e aprisionada pela incredulidade. Mas, mesmo assim, está lá. Mesmo assim, é real. E está a começar a mover-se, a despertar dentro de vós. E é crucial — é fundamental — que estejam preparados. Que estejam atentos e disponíveis para esse despertar, para que, quando essa criança despertar, estejam prontos para acolher o seu poder, os seus poderes desconhecidos, e os utilizar na realidade que estão a criar.

É verdade que podem viver perfeitamente bem sem nunca descobrir essa Criança Mágica. Podem viver sem jamais usar essa energia. Podem continuar, sem dúvida. Mas têm um compromisso — um compromisso convosco próprios e com o vosso Eu Superior, um compromisso com o vosso planeta e com a vossa humanidade, um compromisso espiritual que lhes diz que "sobreviver" não é suficiente. Que a vida é mais do que simplesmente continuar. Por isso, embora não *precisem* de trabalhar com essa Criança Mágica — como talvez sintam que precisam de trabalhar com a Criança Interior ou até com o Adolescente — a Criança Mágica está lá para aqueles que, como vós, desejam mais do que simplesmente sobreviver. Que querem acompanhar o ritmo de um mundo que muda de forma milagrosa, um mundo que está a transitar para um novo patamar, para uma nova vibração, um novo paradigma de realidade.

E, por conseguinte, uma das formas de acompanhar, de prestar atenção, de fazer parte e de colher os frutos dessa realidade milagrosa, é trabalhando o despertar dessa Criança Mágica— e utilizar os seus poderes.

Mas faz sentido, não é? E é por isso que estão aqui. E, ao estarem aqui, já o disseram, de certa forma. Mas então, o que os impede? Porque não estão prontos para essa criança que desperta? Porque não estão prontos para utilizar o seu poder?

Sim, pode-se olhar para os bloqueios, pode-se considerar os benefícios secundários, sem dúvida. Podem também ser observados os contratos interiores e os argumentos negativos que continuam a representar, certamente. E podem também existir componentes bioquímicos ou mecânicos que perturbem a vossa função interior, assim como a crença — ou melhor, a falta dela. Conforme dissemos, a Criança Mágica está aprisionada pela incredulidade. Se não acreditarem que tal criança existe, ela continuará oculta, perdida e obscurecida.

Mas há outros motivos. Há dois fenómenos muito importantes que queremos destacar esta noite, por estarem diretamente ligados à razão pela qual talvez não estejam prontos — e não consigam — utilizar esse poder, que está realmente presente e é imensamente poderoso.

O primeiro é o que chamamos de *ressonância negativa*. Já falámos muitas vezes da ressonância como uma energia extremamente poderosa e positiva — e, de facto, assim é. A lei básica da ressonância afirma que, quando duas frequências vibram a ritmos diferentes, com o tempo, tendem a sincronizar-se — ou a mais baixa eleva-se, ou a mais alta desce, ou ambas encontram um ponto intermédio. Isso funciona de forma altamente benéfica quando se permitem absorver a ressonância do vosso Eu Superior ou das energias geradoras de valor, de confiança, de amor, de intimidade, etc. Essa energia pode elevá-los — desde que não a arrastem para baixo. Mas sim, a ressonância é uma das energias mais poderosas que possuem… quando funciona de forma positiva. Só que também pode funcionar de forma negativa.

Já todos vocês estão familiarizados com o conceito da Criança Interior e muitos até trabalharam com a sua realidade de forma profunda. E, quando a descobriram, foi algo entusiasmante. Um momento mágico. Estavam verdadeiramente empolgados. E os resultados iniciais do trabalho com essa criança revelaram-se, por vezes, milagrosos. Sentiram que por fim compreendiam o motivo de tantos dos vossos bloqueios, porque é que a vossa realidade parecia a de quando tinham cinco ou seis anos. E pensaram:

"Agora que sei, posso curar, posso resolver, posso transformar a minha vida!"

Foi uma onda de entusiasmo e esperança. Mas depois começaram a trabalhar com essa criança… e o entusiasmo desvaneceu-se. A emoção esbateu-se. Para muitos, trabalhar com a Criança Interior tornou-se uma obrigação, ou deixou simplesmente de existir. Já não resulta como antes. E tornou-se uma daquelas experiências:

"Ah, sim, já fiz isso há anos. E agora? O que há de novo? Quero uma nova técnica, um novo amigo invisível com quem trabalhar..."

E há muitos disponíveis — sem dúvida. Mas é essa energia que se instala:

"Sim, sim, sim, já fiz o trabalho com a Criança Interior. Isso é antigo. Já está feito. O que há de novo, o que é que me entusiasma agora? O que é que me desperta a imaginação e a paixão outra vez?"

Mas isto não acontece apenas com a vossa espiritualidade — acontece com a vida. Conhecem um novo amigo e pensam:

"É o melhor amigo que alguma vez tive! Agora sim, vou ser feliz para sempre…"

Conhecem alguém novo, iniciam uma nova relação, apaixonam-se e pensam:

"Meu Deus, de repente a minha vida floresceu, transformou-se numa coisa absolutamente maravilhosa!"

Conseguem um novo emprego, recebem uma promoção seguido de um aumento no salário, compram um carro novo e acreditam que o mundo inteiro vai mudar. Com efeito, mudam isto ou aquilo na vossa vida, e sentem novamente aquele entusiasmo, aquela excitação. Mas também isso se desvanece. O entusiasmo esmorece, a excitação fenece, e percebem que o carro novo não transformou totalmente a vossa vida, que o novo emprego, a nova relação, a nova amizade, ou mesmo aquela pessoa que conheceram na paragem de autocarro — que parecia ter-lhes mudado a vida de forma milagrosa — não trouxeram, afinal, uma mudança duradoura.

E porquê? Bem, não é apenas por serem inconstantes ou estarem sempre à procura de algo melhor — embora isso possa, de facto, contribuir. Mas há algo mais profundo que acontece aqui. E isso é o que chamamos de *ressonância negativa* — um fenómeno muito real.

Quando um conceito ou uma realidade é novo para vós, situa-se fora de vós. Ainda não faz parte de vós. E usam essa novidade, entusiasma-os, fascina-os, abre portas e expande horizontes — absolutamente. Mas, à medida que a usam, se familiarizaram com ela, e ela torna-se familiar para vós. Integra-se em vós — e isso é bom, é como deve ser, é positivo.

Contudo, o problema é que, ao tornar-se parte de vós, ela também se entrelaça com a vossa culpa, a tua tristeza, a vossa vergonha, as vossas lutas internas — com tudo aquilo que carrega o nome de *"não sou suficiente"*. A novidade torna-se parte da vossa irrealidade interior, e por isso começa a refletir essas características: começa a ser marcada pela culpa, pela tristeza, pela luta, pelas justificações e desculpas — tal como vós próprios. Começa a tornar-se irreal.

Quer se trate da Criança Interior com que estão a trabalhar, quer seja uma amizade, um emprego ou uma nova experiência na vossa realidade — quando se torna parte de vós, também se torna parte do vosso *lixo emocional*. Tal como se tivessem uma mente subconsciente coberta por tentáculos pegajosos, que transportam tudo o que vocês são — tanto o positivo como, infelizmente, o negativo. Enquanto algo se situa fora de vós, ainda não foi tocado por essa camada pegajosa. Mas quando o integram em vós, isso adere a ele.

E quando esse "revestimento" é positivo, cheio de luz, amor e entusiasmo, então a ressonância é positiva e funciona bem. Mas se for negativo — se carregar tristeza, vitimização, culpa, ressentimento — então tudo o que tocarem acaba por absorver igualmente esse peso. E assim, quando a novidade se torna parte de vós, sofre o fenómeno da ressonância negativa. A menos que essa coisa, essa realidade, seja profundamente poderosa — a ponto de romper esses padrões — ela acabará por ser absorvida, por se diluir, por se tornar... irreal.

E foi isso que aconteceu com a Criança Interior para tantos de vós. Conforme dissemos antes:

"Ah, pois, eu estou a par disso da Criança Interior, sim. Já fiz esse trabalho. Já foi há anos. Já não tem valor. Já não é real. Quero algo novo. Algo fresco. Algo que ainda não tenha sido 'contaminado' por mim. Talvez se for rápido o suficiente, consiga usá-lo antes que fique gasto, antes que se torne inútil para chegar a valer por algo de verdadeiro valor."

Então, quando alguém diz: *"Vamos falar da criança que existe dentro de ti,"* há uma tendência automática, quase instintiva, de responder:

"Ah… outra vez isso?"

Por esse conceito já ter sido manchado, já ter sido absorvido pelo fenómeno da ressonância negativa. E é por isso que muitos de vocês não estarão prontos para estar presentes quando a Criança Mágica despertar — e não estarão prontos para utilizar o seu poder.

O segundo fenómeno que queremos abordar é o *fenómeno da absorção.* Funciona da seguinte forma: Entre Carmel e São Francisco, como muitos de vocês sabem conhecem bem o percurso, existem placas que indicam o caminho para São Francisco. Existem estradas — algumas autoestradas, outras estradas estaduais — que apontam e conduzem até lá. As placas mostram a direção, as estradas proporcionam o caminho. E quanto mais perto estiverem de São Francisco, mais sinais aparecerão, mais opções terão: podem seguir pela Highway 1, pela 382 em parte do trajeto, ou por outras estradas — até podem vir por São José, pela East Bay, ou entrar pelo norte. Existem múltiplos caminhos. Mas nenhuma dessas estradas *é* São Francisco. São apenas formas de lá chegar. E, uma vez cruzados os limites da cidade, há placas que dizem: "Bem-vindo a São Francisco," mas todos sabemos que isso, por si só, *não é* São Francisco. Estão dentro dos limites, sim senhor — mas nem por isso compreendem tudo o que São Francisco representa. Ninguém se confunde com isso no mundo físico.

Mas no mundo metafísico — aí já resulta em confusão. Existem igualmente sinais, técnicas, métodos, caminhos que apontam para uma realidade maior. E muitas vezes confundem-se os meios com o fim. A técnica e a realidade tornam-se

uma e a mesma coisa. A essência real é absorvida pela técnica — perde-se a autenticidade, e o que era real transforma-se em mais uma ferramenta, mais uma técnica entre tantas outras.

Seria como estar em Carmel, ver uma placa que diz: "São Francisco" e parar ali, e interrogar-se: *"Mas onde está a cidade? Isto será São Francisco?"* — o que, evidentemente, seria ridículo. A placa é apenas uma indicação. Se seguirem o caminho, chegarão lá. Assim também, no campo metafísico, as técnicas são confundidas com o destino. Ou confundem-se realidades como a Criança Interior com as técnicas usadas para a alcançar. E, nesse processo, essa realidade é absorvida, engolida, reduzida a mais um método. E assim, mais uma vez, voltamos ao mesmo ponto...

"Criança interior, adolescente, pois sim, já trabalhei com essas técnicas antes. Já fiz aquele exercício de dar à minha criança o que ela queria, sim. Já empreguei aquele de conversar com o adolescente em mim. E a minha vida continua sem funcionar. Já experimentei essas coisas…"

E assim, confundem-se as técnicas com a realidade e acaba-se por esquecer. Mas o que está em causa não são apenas as técnicas associadas à criança interior ou ao adolescente, nem os métodos que se aplicam com eles. O que está em causa é lidar com *eles* — com a realidade da criança interior, com a realidade do adolescente, com a realidade da parte parental em vós — e até com a realidade das vossas ambições negativas.

Esses dois fenómenos, o da ressonância negativa e o da absorção, colocam-se-lhes no caminho. Tornam-nos despreparados, impedem-nos de utilizar o poder — esse poder belo e imenso de uma Criança Mágica — que talvez só tenham vislumbrado em raros momentos, ou que talvez ainda nem conheçam.

A resposta a esses dois fenómenos é o amor, a intimidade, a atenção — e, certamente, a humildade. Humildade para reconhecer:

"Mesmo que no passado não tenha conseguido trabalhar com isto de forma eficaz, posso começar agora. Mesmo que tenham passado anos desde a última vez que falei com a minha criança interior e senti que resultou, isso não significa que tenha de continuar a ser medíocre, superficial ou vazio. Pode ser diferente. Pode voltar a ser real. Posso — e devo — separar a técnica da realidade, a técnica da existência viva e palpitante de uma criança que não é um conceito, mas uma parte autêntica, de carne e osso, de quem eu sou."

Porque, se não aplicarem esse amor, essa intimidade, essa atenção… Se não se aproximarem com humildade, então sugerimos que a criança, o adolescente e o parente crítico interior tenham sido reduzidos a técnicas — e a técnicas ineficazes, insuficientes. A criança continuará adaptativa, o adolescente continuará em pânico,

e o parente crítico continuará cínico. A ambição negativa continuará instalada. E tudo permanecerá estagnado, perdido.

E que é que acontecerá à Criança Mágica nesse cenário? Fica escondida. Fica perdida no silêncio de uma criança adaptada, de um adolescente em pânico, de um pai ou mãe interior cínico. Ocultada pelos véus da vossa própria adaptação, do vosso próprio cinismo. Obscurecida pelas vossas ambições negativas, amarrada pela vossa incredulidade. A Criança Mágica permanece adormecida. E, no melhor dos casos, funcionará num estado sonâmbulo — o que não lhes trará benefício algum.

De certa forma, a Criança Mágica torna-se apenas uma poesia bonita, e não algo real. E, para que possam aceder-lhe, para a alcançarem, têm de *resgatar a vossa criança* e *resgatar o vosso adolescente*. Têm de os libertar da ressonância negativa e da absorção. Têm de voltar atrás. E sim, é mais difícil para aqueles que *já ouviram falar da criança interior*, que já trabalharam com ela, que se tornaram cínicos ou adaptados. Para aqueles que, no seu próprio percurso de ascensão, se perderam em ambições negativas, o resgate exige mais. É necessário libertar a criança, libertar o adolescente, libertar o parente crítico interior… e libertar as ambições negativas. Só assim se limpa o caminho para que essa Criança Mágica possa despertar. Só assim poderão descobrir — e depois utilizar — o seu poder, que é imenso, singular, e bem diferente dos outros aspetos internos (criança, adolescente ou parente crítico) que já conhecem.

Para isso, queremos agora dedicar algum tempo a observar — não discutir exaustivamente a totalidade da criança e do adolescente, pois isso levaria anos — mas indicar alguns aspetos essenciais, alguns *marcos fundamentais*, que sustentam estas estruturas internas: a criança adaptativa, o adolescente em pânico, o parente crítico cínico.

A criança — enquanto parte viva de vós — ficou presa no tempo e no espaço. Ficou retida, congelada, desligada de vós. Muitos de vós nunca verdadeiramente *abandonaram* essa criança. O corpo cresceu, pois sim, as hormonas foram libertadas, e tornaram-se adolescentes por força do destino. O tempo passou, e a sociedade empurrou-os para fora do seu útero protetor, para o tal "mundo real" — aquele mundo rude, duro, em que as ilusões se despedaçam. Tornaram-se adultos, sim.

Mas muitos ficaram presos à criança. Ainda operam com base nela. Porque essa criança está presa no tempo e está agarrada a vós — com todas as suas forças — porquanto vocês são agora a única pessoa que a pode ajudar. E ela ficou presa por razões muito específicas. Não apenas a vossa. *Todas* as crianças ficaram presas, por razões universais. E qual será a primeira razão? Não recebeu o amor que queria.

Agora, o órfão em vós dirá:

"Não recebi amor suficiente."

E muitos ainda hoje dizem com profunda emoção:

"Não recebi amor suficiente enquanto criança."

Mas, na verdade, isso não é bem assim. Receberam amor. O que não receberam foi o amor que *queriam.* Queriam mais. Queriam *amor perfeito*. E, como não receberam o que queriam, adotaram uma atitude interna de birra. Fincaram os calcanhares. Tornaram-se teimosos, rígidos… ou então, voltaram-se para o extremo oposto: colapsaram, tornaram-se frágeis, amorfos, uma espécie de "ameba emocional," ineficaz, sem estrutura.

"Porque não segues em frente com a vida?"

"Porque não recebi o amor que queria."

Mas que amor é esse que a criança queria? A criança quer *amor perfeito*. Quer que a mãe e o pai a amem *na perfeição*. Mas o que significa isso?

"Não sei." — responde a criança.

"Só sei que deviam ter-me amado na perfeição."

Mas, claro, se a criança não sabe o que é, nunca poderá descobri-lo. E na condição humana, o amor perfeito não existe. Portanto, mães e pais estão desde logo condenados. Nunca amarão os filhos *na perfeição*, e por isso, os filhos sentirão sempre que não foram amadas como precisavam. E mesmo que fosse possível amá-las na perfeição, elas nem conseguiriam reconhecê-lo. É um ciclo automático. Cada criança fica presa, porque:

"Não recebi o amor perfeito que não consigo definir. Mesmo que o tivesse recebido, não seria capaz de o reconhecer. Mas ainda assim desejo-o. E, por isso, vou resistir a crescer ou colapsar e tornar-me uma sombra flutuante que paira sobre a minha realidade."

Além disso, todas as crianças são, por natureza, egocêntricas. E isso não é errado. Não funciona na idade adulta — como todos acabamos por descobrir — mas é assim que uma criança *deve* ser. É a forma como são. Sabiam, por exemplo, que até cerca dos 18 meses, a criança acredita que ela *é* a mãe? Não reconhece a separação.

"Se a mãe estiver triste, eu estarei triste; se a mãe estiver feliz, eu estarei feliz; se a mãe sorrir, eu sorrio."

Aproximamo-nos do bebé, sorrimos, e ele sorri de volta.

"Vejam, está a sorrir para mim."

Não, não está a sorrir para vós — está a sorrir por ser *vós*. Ainda não compreendeu que é um ser distinto. Mas, por volta dos dezoito meses, começa a perceber:

"somos duas pessoas, e existem coisas que não sou eu. Isto não sou eu…"

percebem, largam o objeto, e este desaparece. Nós apanhamo-lo, e ela volta a largá-lo, repetidamente. Derruba coisas, toca em tudo, prova o que encontram. Fá-lo por estar a descobrir:

"Isto não sou eu!"

É fascinante, absolutamente extraordinário — e de facto até é. Observar uma criança a passar por este processo de descoberta é verdadeiramente uma maravilha, um dos grandes milagres do desenvolvimento infantil. No entanto, essa separação conduz a um egocentrismo:

"Tudo deveria reportar-se a mim. Eu sou o único que importa, e tudo o que acontece, acontece-me a mim."

É por isso que uma criança, nesse estado, chora se os pais estiverem a discutir. Em parte, por sentir que a sua sobrevivência está em risco — questiona-se de onde virá a refeição seguinte — mas também porque o interpreta como algo pessoal. E é por isso que, quando os pais se divorciam, a criança tende a assumir que a culpa é sua:

"Foi por minha causa?"

Não, não foi por tua causa, foi porque não conseguimos entender-nos. Mas para a criança, essa explicação não faz sentido. Porque, enquanto centrada em si própria, ela acredita:

"Foi por minha causa. O papá foi-se embora porque já não gosta de mim. Não tem nada que ver contigo, mãe, está bem? Fui eu."

Quando um dos pais morre:

"Abandonou-me."

Não, teve um ataque cardíaco, contraiu cancro, aconteceu algo terrível.

"Não, isso não interessa. Fui eu. Tudo gira à minha volta."

E, portanto:

"Sim, ouvi dizer que foi atropelado, mas foi por não me amar, por eu não ter sido suficientemente boa, por não o ter feito suficientemente feliz."

Tudo é centrado no "eu," por ser assim que as crianças são. E se essa postura perdurar, ficam presos na criança interior. Ficam estagnados.

Um terceiro elemento, um terceiro "gancho" que mantém a criança interior presente — o primeiro é a procura de amor perfeito, o segundo é o egocentrismo — é o facto de a criança ser uma vítima. E de facto é. Sabemos que há correntes na metafísica que propagam meias-verdades com afirmações fáceis como:

"Bem, é questionável se realmente existem vítimas."

Uma forma conveniente de se isentar de toda e qualquer responsabilidade perante o que acontece no mundo, ou para responder a questões aparentemente sem resposta:

"Eles criaram aquilo. Dizem que são vítimas, mas não são."

Mas há, sim, pessoas que são vítimas neste mundo. Quando alguém não sabe ou não consegue ter qualquer tipo de impacto ou influência na criação da sua própria realidade, essa pessoa é uma vítima. Existem pessoas assim no chamado Terceiro Mundo, mas também existem nos modernos Estados Unidos — pessoas que não têm a menor noção, nem forma de aprender, nem qualquer meio de aplicar o conceito de que estão a criar a sua própria realidade, ainda que o estejam. Mas como não sabem disso, nem têm forma de lidar com essa ideia, são, de facto, vítimas. No entanto, quando aprendem, quando são sensibilizadas para o facto de que criam a sua realidade, e quando lhes são fornecidas ferramentas e meios para agir, se optarem por não fazer nada, então estão a manipular — assumem o papel de vítimas, mas já não o são verdadeiramente. Quando dois adolescentes, por exemplo, têm uma relação sexual e isso resulta numa gravidez, mas desconheciam que o ato sexual poderia originar gravidez — acreditavam que era a cegonha que a trazia — são vítimas dessa gravidez. Mas se, depois de aprenderem como funciona a conceção, continuarem a agir como vítimas, trata-se de manipulação.

Sim, as crianças criam a sua realidade. Mas não têm a capacidade de serem responsáveis por isso. E por esse motivo, são vítimas — embora criem a realidade, não têm consciência disso, nem meios de o compreender ou alterar. Uma criança de três anos não chega junto da mãe e diz:

"Olha, mãe, estás a gerar imensa culpa aqui. Sinto-me incompreendido e desvalorizado, estou cheio de raiva, preciso de a expressar. Precisamos de mudar de atitudes cá em casa. Obviamente tenho crenças ligadas ao martírio e por isso decidi que não vou mais ser teu mártir. E, se não resultar, vamos ter de seguir caminhos diferentes."

Uma criança de três anos simplesmente não consegue fazer isto. Não consegue. Mas aos dezoito anos, talvez já consiga — é um exemplo, não uma regra. Uma criança de três anos que cai e esfolou o joelho, não vai pensar:

“Porque é que fiz isto? O joelho está associado à raiva, à expressão da raiva… Que raiva estarei a deixar de exprimir?”

Não tem essa capacidade. Embora crie a realidade, falta-lhe a estrutura necessária. Cabe ao adulto assumir essa responsabilidade. E, por isso, nessa fase, a criança é uma vítima. Vai ultrapassá-lo — a não ser que opte por permanecer nesse estado; a não ser que, ao aprender, decida que gosta do papel de vítima e o mantenha. Assim se fixa o terceiro gancho.

O quarto é a indefesa. A criança vê-se indefesa perante o mundo. Nos primeiros tempos, é inteiramente dependente de si para sobreviver. Mas mesmo quando cresce e já consegue subir ao balcão para ir buscar a manteiga de amendoim e a compota, continua indefesa. Não se sabe proteger, não sabe cuidar de si. Essa falta de defesas é um mecanismo de sobrevivência, uma forma de lidar com o medo. Uma estratégia para o enfrentar. Estes são os quatro ganchos: o amor perfeito inalcançável, o egocentrismo, a vitimização e a falta de defesas.

Se conhece alguém que anda constantemente à procura de amor perfeito, que seja egocêntrico, que se assuma como vítima — ou finja sê-lo — e que represente o papel inteiramente indefeso, essa pessoa está a agir como uma criança. E se se reconhecer nesse estado, então está a agir com base na sua criança interior. Não precisa de meditar (riso), basta olhar-se ao espelho. Em tempos, alguém disse:

“Não consigo encontrar a minha criança interior na meditação.”

Porque ela não estar ali; mas exatamente aqui. Quando se apercebe de que está a funcionar, começa a perceber que uma parte de si não permanece perpetuamente na infância; nesse sentido, há alguns que acreditam que sim, que estão quase constantemente nessa fase. Mas talvez perceba que, no trabalho, consegue funcionar, mas quando chega a casa e lida com as pessoas com quem vive, então, de repente, ao entrar porta adentro e tirar o casaco, de certo modo, abandona esse adulto funcional e, nesse mesmo instante, assume o papel de criança — procura aquele amor perfeito, inteiramente centrado em si próprio, posicionando-se como vítima.

"Tento convencer o mundo e todos nele de que sou uma vítima.”

E vocês vão desempenhar o papel de alguém completamente indefeso; e, por isso, quando se trata de uma relação íntima,

“Sou inteiramente uma criança.”

Ou, para outros, quando se trata do trabalho," ou quando se trata da sua atividade criativa, ou até de lazer — de se divertir numa sexta-feira à noite, por exemplo — automaticamente entra em modo de procura: à procura da Senhora ou

do Senhor *'Amor Perfeito'*. Está à procura do amor ideal, está inteiramente centrado em si próprio. O mundo deve-lhe isso, e sente-se uma vítima total.

"Coitadinho de mim, ninguém faz nada como devia ser para comigo; estou inteiramente indefeso."

Assim, volta a ser aquela criança. Pois esses são os quatro ganchos que prendem a criança. Prenderam-na enquanto criança, com quatro, cinco, seis ou até sete anos. E há uma parte de si, ainda viva, ainda ativa, tão vibrante como a parte de si que aqui está agora, que continua a ser essa criança: adaptativa, em busca desse amor perfeito, autocentrada, vítima, indefesa — uma criança.

No entanto, há também uma parte adolescente em si. E é como se a própria biologia, reconhecendo que esses ganchos existem, o tivesse forçado à adolescência. Tal como, aos cinco, seis ou sete anos, mal podia esperar para se tornar adolescente, na verdade não queria sê-lo; queria continuar a ser uma criança pequena, mas com todos os direitos e privilégios que pensava que os adolescentes tinham. Mas sugerimos que, quando essa fase chega verdadeiramente, quando a puberdade se instala, quando as hormonas invadem o corpo com ideias, pensamentos, imagens e sensações estranhas, de repente, aceita o facto de que

"Já não sou uma criança..."

É, sem dúvida, um estado de pânico. E sugerimos que há quatro ganchos específicos, quatro ganchos distintos que prendem o adolescente. O adolescente já desistiu da ideia de amor perfeito.

"Sei que não consigo isso. Mas quero ser compreendido na perfeição. Amor? Já não acredito. Mas devo ser compreendido, e compreendido de forma absoluta. O que significará isso? Não sei."

Muitas vezes significa:

"Ter sempre aquilo que quero. Mas nem isso, porque se me deres sempre o que quero, vou achar que não te importas o suficiente para dizer 'não'. Eu não sei bem o que é compreensão perfeita. Mas tu devias provê-la. E devias fazê-lo psiquicamente. Não devia ter de pedir. (Riso) Devias simplesmente saber."

Mães e pais, estão novamente condenados. Por mais compreensivos que tentem ser, e recordem a vossa própria adolescência e o quão terríveis foram os vossos pais, e jurem nunca repetir os mesmos erros, irão fracassar, por não poderem compreender os vossos filhos adolescentes de forma perfeita — nem telepaticamente."

Qual é o apelo mais comum que um adolescente faz?

"Ah mãe, tu simplesmente não entendes. O que se passa contigo? Porque é que não consegues perceber? Chego a casa, quero ter o cabelo roxo e verde, furar quatro sítios no nariz, quero roupas que possa arrastar pela lama, rasgar, sujar com gordura..."

Porque é que estás a fazer isso?

"Ah mãe, tu não entendes!"

Os pais também não compreendem. Mas nessa altura, já quase os ignoram por completo. Não esperam que o pai entenda. Mas a mãe devia entender. O adolescente quer uma compreensão absoluta. E psiquicamente, deve perceber tudo. Mas se o tentar, então estará a tentar ser amigo e não pai. Se tentar ser pai, devia ser amigo... Não há forma de ganhar. Não pode vencer. Nunca irá compreendê-los tal como os seus pais não o compreenderam a si nessa idade.

O primeiro gancho é a necessidade de compreensão perfeita. O adolescente também já desistiu do egocentrismo, mas substituiu-o por presunção.

"Não sou o único que existe no universo, mas sou o único que tem importância. Sei que também tens sentimentos, sim, mas **eu** tenho sentimentos."

Ou seja, *esses* é que contam.

"Sei que tinhas planos, mas mãe, eu também tinha planos. E o facto de não te ter dito nada não interessa — os meus continuam a ser mais importantes."

É a presunção:

"Não sou o único que existe, sou apenas o único que interessa. Sim, há outras pessoas no mundo, mas não contam — só eu conto."

Por isso, ouvem-se frases como:

"Se não puder ir à festa, mais vale morrer. O mundo vai acabar se eu não puder dormir em casa de *fulana*. Se tiver de fazer os trabalhos de casa em vez de sair, morro. Mais vale mudarmos de cidade porque nunca mais vou poder encarar ninguém — o mundo sou eu."

Se alguém mais tem problemas:

"Porque é que estão a fazer-me isto? Vocês, pai e mãe, estão a discutir só para me estragar o fim-de-semana. Sabem que convidei a minha melhor amiga, sabem que quero ter uma casa perfeita, e estão a fazer isso só para me magoar. Estão a arruinar a minha realidade, e não percebo porquê."

Tudo gira em torno de si — é a presunção. Esse é o segundo gancho. O terceiro gancho do adolescente não é o da vitimização, mas sim o do martírio.

Agora ele já pode ser responsável. Vejam: uma criança não pode ser responsável. Um adolescente pode, mas escolhe não o ser, não é?

"Eu faço uma escolha, sei o que é suposto fazer, mas não vou fazê-lo. Sei que devia arrumar o quarto, ir colocar o lixo no contentor, enxugar a loiça em certos dias e lavá-la nos outros. E sei que, se não o fizer, não tenho direito ao que me prometeram. Mas não faço nada disso. E onde está o que me prometeram? Ah, não percebem... não me valorizam... mas eu *tinha intenção* de fazer a cama — isso não contará? *Tinha intenção* de te dar a mesada — isso não contará?"

Mártires:

"Eu poderia ser responsável, mas escolho não o ser. Sou um mártir — não valorizado, incompreendido, perdido em situações desesperadas e impotentes por todo o lado. Levo com culpas por coisas com as quais nada tive que ver. Sou responsabilizado por questões que não me dizem respeito. E ainda tenho de ser educado por esta gente a quem chamam pais."

Enquanto criança, eram tão destemidos quanto eram moldados. Já na adolescência, eram tão destemidos quanto não eram. (Riso.)

"É isso. Recebi os genes deles. Desisto. A vida não vale a pena. Não vou conseguir."

Completo mártir. Sem dúvida. E, ao contrário da criança que é indefesa, o adolescente defende-se. Sem dúvida. É o seu mecanismo de sobrevivência, a forma como lida com o pânico — o pânico absoluto que constitui a adolescência. Porque sabe que vai ter de crescer. E, por mais que diga que quer, está apavorado com essa ideia, tal como vós próprios, se forem sinceros convosco próprios, também estiveram apavorados durante aqueles anos da vossa vida.

Aí está a defesa, e se conhecerem adolescentes, sabem que todos adotam a defensiva. Não sempre, mas todos têm os seus contextos em que o fazem.

De igual modo, esse é o quarto gancho. Ora, se reconhecerem gente dessa na vossa realidade — aqueles que esperam que os compreendam na perfeição sem nunca se comunicarem verbalmente, que são inteiramente presunçosos, que consideram que tudo o que fazem é um reflexo sobre elas, que vivem no martírio ou, pelo menos, o exibem de modo notório, e que adotam a defensiva a qualquer coisa que lhes contrarie a perspetiva que têm — saibam que essa gente está na sua adolescência. E, quando derem por vós a agir desse modo em áreas da vossa vida — ou na vida por inteiro — também vocês estarão nessa condição, por esses serem os ganchos que os prendem à adolescência.

Se estiver numa realidade em que, de repente, sintam que estão a ser completamente incompreendidos, que, nesse sentir, tudo lhes está a *cair em cima*,

que vivem esse martírio silencioso e se sentem inteiramente na defensiva, saibam que foram apanhados no gancho da vossa própria adolescência — e que não estão apenas a comportar-se como um adolescente, mas a sê-lo. Mas esses são os ganchos que prendem o adolescente no seu lugar. Mantêm-no em pânico.

Bem, depois expulsam-no. Termina a escola, vai viver por conta própria. Embora muitos encontrem formas de regressar discretamente, e nos seus vinte e trinta ainda vivem com os pais. Um pesadelo para muitos de vós, mas um facto, mesmo assim. Alguns conseguem ir para a universidade — são espertos o suficiente para evitar crescer, ou são suficientemente conscientes de que precisam de mais formação, seja qual for o motivo. Mas, eventualmente, após a licenciatura, o mestrado, o doutoramento e o pós-doutoramento, depois de quatro diplomas em qualquer coisa, terá, inevitavelmente, de enfrentar o cruel e duro mundo real.

Mas, independentemente de ter filhos ou não, existe em si uma parte parental. Não é a sua mãe, não é o seu pai — é uma amálgama. É uma gravação feita de todas as figuras de maternidade e paternidade, de todas as figuras de autoridade.

A parte parental em si é uma combinação do seu professor favorito e do que mais detestava, do diretor da escola e do orientador. É a mãe, o pai, a avó, o avô, o monitor do campo de férias. É o irmão ou irmã mais velho do seu melhor amigo, é a mãe ou o pai da sua melhor amiga ou amigo. Tudo condensado numa só entidade, uma liga mais forte do que qualquer elemento individual — o parente arquetípico. E cada um de vós carrega essa parte parental. E essa parte pode ser extremamente cuidadora, sem dúvida, e é uma parte muito valiosa de se ter.

É essencial ter uma parte parental dentro de si. No entanto, também pode ser altamente destrutiva, por possuir os seus próprios ganchos. Os ganchos parentais correspondem, de certa forma, aos ganchos da criança e do adolescente — não são mais maduros, mas sim uma versão fermentada desses ganchos. O parente em si já desistiu do amor. E da compreensão? Nem pensar.

"Só quero aprovação. Aprovação. Não me interessa se me amas, não me interessa se me compreendes — apenas aprova-me. Basta que me aproves."

Muita gente entra no matrimónio, infelizmente, já consciente de que não vai ser amada, que não será compreendida, mas talvez, com sorte, consiga obter aprovação. Algumas mulheres têm filhos, alguns homens têm filhos com as mulheres das suas vidas, na esperança de que esses filhos — audiências cativas que são — lhes concedam aprovação. Chamem-lhe amor, chamem-lhe compreensão,

"Mas tudo o que quero é aprovação."

O gancho do pai é o gancho da aprovação — perfeita ou imperfeita, mas aprovação. Existe uma certa resignação na parte parental de cada um. O egocentrismo, a presunção, foram substituídos por uma resignação perante o fracasso,

"Deixa-me apenas aguentar."

Sobreviver, fazer concessões e chamar-lhe contentamento. Uma aceitação passiva. O papel de vítima, o martírio, fermentou e transformou-se em ressentimento e culpa. Mas a parte parental — e aqui é importante distinguir entre ser pai/mãe e ser *o* pai arquetípico — tende a culpar e a ser moralista.

Quando se vê a si próprio a erguer-se na sua probidade ou no seu julgamento, está no modo parental. Quando vê os seus pais a reagirem assim, já não está a agir como mãe e pai — está a agir como *pais*. Entrou no gancho do parente crítico — o gancho da culpa e da retidão moral. E há muita gente pelo vosso mundo que vive disso, que é a sua fonte de energia, o seu sustento, o seu nutriente.

Culpa e retidão — é para isso que existem, por estarem completamente agarrados ao arquétipo do parente crítico. A falta de defesas ou a defensiva da criança e do adolescente estagnaram, no parente, numa sensação de desesperança e impotência. E, num certo sentido, a parte parental — não confundir com ser um adulto — sente-se sem esperança nem força:

"Não há nada a fazer, o mundo é assim, ninguém pode mudar nada, não vale a pena tentar, uma pessoa sozinha não muda coisa nenhuma, esquece, adapta-te, ignora, faz o melhor que puderes, tenta não te deixar afetar, porque és impotente de qualquer forma."

"O governo fará o que quiser, o mundo seguirá o seu rumo, tu não tens voz, não tens influência, és impotente e não tens esperança."

Não adotam a defensiva, nem a ausência de defesas — estão sem esperança e sem recursos. Esse é o gancho do parente. Mas, quando se derem conta de que estão a sentir essas energias — quando perceberem que só procuram aprovação, quando se encontrarem resignados e a chamar '*contentamento*' ao compromisso, quando estiverem nesse estado de culpabilização e inflexibilidade moral, quando sentirem que estão sem esperança e sem forças — saibam que não estão a ser adultos, nem sequer uma pessoa madura: estão a ser um parente crítico. Não dos vossos filhos, mas da vossa realidade. Estão a agir como *o* parente arquetípico. E, quando observarem outro nessa condição, saibam que esses ganchos as prenderam; esses são os quatro ganchos, as progressões naturais — ou fermentadas — da criança e do adolescente até ao parente crítico. E são eles que os mantêm nesse estado.

Assim, com uma criança adaptativa que deseja amor perfeito, inteiramente autocentrada, que se sente vítima e indefesa; com um adolescente cínico, nesse sentido, que deseja compreensão perfeita, é presunção, vive no martírio e à defensa; ou com o pai crítico — todos eles tendem para aquilo a que chamamos ambição negativa. Ora, sugerimos que a ambição é algo extraordinariamente valioso, e de que todos precisam — não apenas algo que *poderiam* ou *deveriam* ter, mas algo de que *necessitam*. No entanto, muitos de vós foram condicionados a rejeitá-la.

"Ah, César era ambicioso, sim." E foram levados a acreditar que a ambição seja algo terrível, que não deveriam alimentar. Mas, mesmo assim, ela persiste. E quando é positiva, é uma energia incrivelmente potente. Contudo, com demasiada frequência, manifesta-se de forma negativa. Definimos ambição negativa como qualquer ambição que não seja verdadeiramente vossa. Por mais virtuosa ou bela que pareça, se não for vossa, há de ser uma ambição negativa.

Se forem excelentes cirurgiões, a salvarem vidas todos os dias, mas o fizerem por a vossa mãe querer que fossem médicos, então tratar-se-á de uma ambição negativa.

Se alcançarem sucesso nos negócios, acumularem riqueza e subirem na hierarquia corporativa — e tudo isso parecer maravilhoso — mas o fizerem para agradar ou compensar o pai, então será uma ambição negativa. Se estiverem envolvidos em trabalho humanitário, talvez no Corpo de Paz ou noutra organização que salve o planeta — e muitos realizam trabalhos louváveis nessa linha — mas o fizerem por "a mamã o querer," "o papá o esperar," por procurarem aprovação de alguém, então, mesmo sendo virtuosos, é uma ambição negativa. E, por isso mesmo, nunca será verdadeiramente satisfatória.

Nunca trará realização. E vocês, como um rato num labirinto, correrão indefinidamente, como num carrossel que gira cada vez mais rápido — até caírem ou enlouquecerem de tanto perseguirem uma ambição negativa.

"Mas eu não entendo... é uma tarefa nobre..."

Poi sim, mas a motivação não é positiva — é motivada negativamente.

"Estou a fazer toda a diferença no mundo..."

Mas, no sentido prático, isso pouco importa. Nunca encontrarão aí realização; ao invés, serão levados à exaustão ou à loucura, por ser uma ambição negativa. De alguém — da vossa mãe, do vosso pai, dos vossos irmãos, da sociedade, do vosso cônjuge, da ideia que têm do que seja a realidade, da aprovação social, seja do que for; ou de quem for: a autoridade, o chefe, o vizinho, a figura que admiram, ou até uma versão mais jovem de vós próprios que desejariam ter sido. Seja de quem for a

ambição que estão a viver — bela ou feia — se não for vossa, nunca será bem-sucedida, nunca trará realização, e conduzi-lo-á à loucura ou à exaustão, por ser uma ambição negativa.

Mas sendo assim, porque não as largam? Porque não abandonam simplesmente as vossas ambições negativas?

"Boa ideia. Vou mudar isso."

Podem fazer algo diferente ou alterar a motivação. Podem continuar a ser médicos e salvar milhões de vidas — mas agora não porque a vossa mãe tenha querido que fossem médicos, advogados ou chefe de tribo, mas porque *vocês* o querem. Pode andar a salvar vidas, ir para a Etiópia ou para outra parte do mundo onde possam *estar no terreno*, envolver-se, fazer a diferença de forma concreta — podem, sem dúvida. Mas, se o estiverem a fazer por outra pessoa, será uma ambição negativa.

Isso não significa que tenham de parar. Significa que precisam de mudar a motivação. Redirecionar a ambição do que foi para o que pode ser agora, para vós. Mas porque não o fazem? Bem, porque também há quatro ganchos que os prendem à ambição negativa. Apesar das boas intenções, apesar das resoluções, apesar da determinação, acabam por ficar presos à vossa ambição negativa.

Pode processar, analisar e refletir até ficar azul — não vai mudar por causa desses ganchos. E os ganchos são: em primeiro lugar, está a tentar obter o amor perfeito, a compreensão perfeita, toda a aprovação que nunca conseguiu enquanto criança, adolescente ou parente crítico.

"É uma agenda oculta. Uma agenda secreta. Estou a fazer isto para obter aquele amor perfeito."

Vejam, é por isso que se pode dizer a alguém que está a ser "chefe de tribo" por os seus pais terem querido — metaforicamente, seja qual for a sua carreira.

"Ah, entendo. Compreendo."

Nesse caso é uma ambição negativa.

"Caramba, tens razão."

Então, porque não mudas a motivação?

"Boa ideia. Vou fazer isso. Vou ser chefe de tribo porque quero ser. Vou reconhecer a virtude de ser médico, advogado, chefe de tribo, o que for. Faço-o por mim. Vou anotar. Vou pensar nisso. Vou refletir. Vou tratar disso."

Mas nada muda. E agora até entoa as palavras certas:

"Não estou a fazer isto por causa dos meus pais. Faço-o porque... *quero*."

Mas, subjacente a isso, o que não está a dizer a si próprio é que continua a procurar a motivação original.

"Sim, quero, mas quero..."

Obter a aprovação, o amor, a compreensão "que nunca tive em criança, que nunca tive enquanto adolescente, ou que nunca tive como parente crítico."

Vejam bem, podem dizer as palavras certas, e elas podem ter um impacto breve — mas não os vão transformar verdadeiramente, até que digam a vós próprios, com coragem, a verdade fundamental. E o gancho da vossa ambição negativa é este: estão secretamente motivados a tentar obter aquilo que nunca tiveram em criança, adolescente ou parente crítico.

"Talvez, se eu fizer isto, *consiga aquilo*."

Mas não conseguem! Porque crescer não torna o amor perfeito possível, nem a compreensão perfeita disponível. Não garante aprovação alguma.

O segundo gancho é que estão a tentar justificar o vosso egocentrismo, ou a dar razão à vossa presunção — ou ainda a tentar remediar os fracassos do passado.

Este é um ponto extremamente importante, pois o que acontece aqui é que vocês percebem:

"Ah, ser autocentrado não é assim tão terrível. Mas se eu fosse realmente fantástico, se fosse o melhor advogado da cidade, do estado, da nação, do mundo, então teria o direito de ser autocentrado, não teria? Então poderia justificar a minha posição centrada em mim próprio, e poderia, gloriosamente, ser a criança para sempre. É por isso que estou a seguir esta ambição negativa. Teria uma razão legítima para ser presunçoso. Ninguém poderia argumentar contra isso, porque eu seria importante. Seria especial. Finalmente. Ah-ah! É isso que eu quero. É isso que procuro alcançar. Ou então, fracassei no passado, e agora quero corrigir, quero compensar essas falhas através do sucesso. Vão ver, vou redimir-me."

Só que isso nunca acontece. Nunca.

Diante do fracasso, fazê-lo bem uma, duas, três, quatro, cinco, seis, dez, cem vezes, não anula o fracasso. Não o compensa. E o que é que compensará? O perdão é o antídoto, não a acumulação de sucessos. Isso é tão óbvio quando se diz. Mas quantos de vós têm tentado compensar os fracassos?

"Destruí aquela relação, por isso agora vou ter outras treze para tentar corrigir. Fui despedido daquele emprego. Bem, não nos entendemos... Mas a verdade é que fui despedido. E agora vou saltar de trabalho em trabalho, tentando redimir aquele único fracasso."

Mas jamais o irá desfazer. Jamais deixará de ter sido despedido. O sucesso não perdoa. O perdão é o verdadeiro antídoto — não a procura contínua da conquista. Mas a ambição negativa prende-se ao desejo de justificar o egocentrismo, a presunção, a arrogância, e de tentar corrigir fracassos passados sem ter de perdoar.

"Não quero perdoar, por isso acumulo sucessos."

Não vai funcionar. O advogado que vence vinte casos ao tentar redimir aquele que perdeu — não funciona. O médico, o empresário, o terapeuta, o conselheiro, o amigo — isto não se aplica apenas a médicos nem a advogados.

"A amizade que destruí não é compensada conseguindo todos os amigos do mundo."

Mas a ambição negativa prende-se a esse impulso de compensar, de ser presunçoso, de ser autocentrado.

Em terceiro lugar, procura a *vindicação*.

"Vindicar o passado, vindicar o meu martírio, justificar a minha presunção nas acusações. Fui justificado. Tinha razão em ser assim. Fui mesmo uma vítima. Estava mesmo a ser martirizado. Eles estavam mesmo errados."

Sim, talvez estivessem. Mas a ambição negativa procura essa vindicação — e não resulta. Só o perdão o consegue. Não o sucesso da vossa ambição negativa.

E, por fim, o quarto gancho da ambição negativa — como talvez já terão adivinhado — é a tentativa de lidar com a atitude defensiva sem defesas e a impotência desesperançada. Num certo sentido, é a ambição negativa de se tornar imune, de estar acima e além, de se tornar indiferente, de, de certo modo, transcender o estado de impotência e a atitude defensiva — de se tornar imune.

Mais uma vez, não resulta. Por isso, podem observar as vossas ambições negativas o quanto quiserem — mas elas não vão desaparecer enquanto não soltarem estes quatro ganchos. E se olharem para elas, poderão reconhecer: por mais bela que a ambição seja,

"Se estou a tentar alcançar algo que não posso ter — compreensão perfeita, amor, aprovação —, se estou a tentar justificar a presunção, o egocentrismo, e compensar os fracassos através do sucesso, se estou a tentar justificar o meu papel de vítima, de mártir, de justo acusador… isso nunca vai funcionar."

E é por isso que a ambição negativa nunca funciona. Jamais. E mesmo quando o percebem agora, mesmo quando dizem a vós próprios:

"Agora sim, entendi; tens razão, isso é mesmo verdade, vou parar com esta ambição negativa…"

Não o farão — a menos que se desprendam. Apenas o entendimento racional não basta. Uma conversa motivacional ou um grito de euforia não bastam, porque estão presos. E esses são os ganchos.

Quando os conseguirem reconhecer, aceitar e perdoar-se, aí sim, poderão mudar. Poderão libertar-se da criança. Poderão libertar-se da adolescência. Poderão libertar-se do parente crítico. E poderão abandonar as vossas ambições negativas. E aí — *então!* — poderão despertar a criança mágica. Poderão acordar essa criança mágica dentro de vós. E poderão aceder ao vosso poder. E poderão usar esse poder. E poderão manifestar a realidade com a assistência, com o apoio, com a ajuda dessa criança mágica.

Só então! Terão de resgatar a vossa criança e o vosso adolescente dos fenómenos da ressonância negativa e da absorção. E não importa há quanto tempo tenham ouvido falar disso, ou se consideram que seja "uma técnica do passado" — continua a ser real. E talvez tenham de recomeçar. Talvez tenham mesmo de voltar ao início, ao ponto zero, com a vossa criança e a vossa adolescência, para reconquistar a confiança delas, para restaurar a relação e o vínculo. Talvez precisem de olhar de novo para o parente crítico que ainda são. E não apenas fingir:

"Ah sim, isso já tratei há muito tempo."

Talvez precisem de observar onde residem as vossas ambições negativas, quais são as vossas agendas ocultas, quais os ganchos que os prendem. Mas ao fazê-lo, poderão abrir-se à magia. Poderão abrir-se a uma criança que — atenção — *não* é a mesma criança interior, nem o adolescente, nem sequer o parente crítico. Nem uma amálgama deles, sequer! É uma consciência única, uma realidade própria, que é parte de vós. Mas poderão tocar nesse poder. E que poder será esse? Que coisa terá essa criança mágica que pode ser do vosso interesse?

Antes de mais, a criança mágica em vós conhece a verdade mais elevada. Conhece a verdade suprema: a de que vocês criam a vossa própria realidade; de que tudo isto é uma ilusão; de que Deus-Deusa-Tudo O Que É diz sempre "sim — podes ter tudo".

A verdade mais elevada: em que coloca a sua atenção é o que cria. A verdade mais elevada de que a vida não é algo que tem de se merecer. A vida é uma dádiva— e cabe-lhes aprender a recebê-la.

A criança mágica não repete apenas essas palavras — *conhece-as*. Conhece essa verdade mais elevada. E em qualquer situação concreta, conhece igualmente a verdade mais elevada: sobre o vosso trabalho, sobre as vossas relações, sobre a vossa saúde, sobre as vossas atitudes e crenças, sobre os vossos desejos e sonhos, sobre o vosso destino, sobre o vosso carácter, a vossa criatividade, a vossa identidade, a vossa sexualidade e forma de a expressar — sobre tudo, em cada

aspeto da vossa vida, grande ou pequeno, a criança mágica conhece a verdade mais elevada. *Conhece-a*. Não fala dela apenas — *vive-a*, *é-a*.

Em segundo lugar, a criança mágica perdoa-os totalmente. Não têm de se justificar, nem de se explicar. Ela perdoa-os por completo. E quando estão em contacto com a criança mágica, *vocês* também se perdoam por completo.

Lembram-se de como trabalhámos o perdão, não é? Há quatro anos, quando falámos sobre isso. No vídeo, no áudio sobre o perdão —alguns de vós estiveram connosco há apenas um mês. E a paixão, a compaixão e o perdão são vitais para esse fogo e essa respiração. A criança mágica é o vosso ingrediente secreto, por ser inteiramente dada à compreensão e ao perdão de si própria — e se estiver em contacto com ela, *vocês também o serão*.

A terceira qualidade — o terceiro poder da criança mágica — é a sua capacidade de perdoar os outros. E, portanto, uma tarefa ainda mais árdua, para alguns de vós, é precisamente essa: perdoar os outros. A criança mágica, com essa energia viva e pulsante, em contacto convosco, sintonizada convosco como uma parte viva do vosso ser, poderá então realizar de forma eficaz o processo de perdão. Poderá percorrer esse processo — desenhar o círculo, realizar as rotações, expressar o que precisa de ser expresso e, finalmente, perdoar aquele que necessita de perdão para que *vocês* possam libertar-se.

A criança mágica pode conceder-lhes a magia, pode oferecer-lhes o pozinho mágico cintilante que torna isso possível.

Em quarto lugar, a criança mágica é totalmente carinhosa e inteiramente atenciosa — sem restrições, sem condições. A criança mágica é aquela parte de vós que ama incondicionalmente. Assim, quando dizemos que a criança mágica está a despertar, o que é que estamos a querer afirmar? Que dentro de vós há uma parte que está a despertar — uma parte que conhece a verdade mais elevada. Uma parte que consegue perdoar-se a si própria incondicionalmente, e que pode perdoar os outros conforme opte por o fazer de forma apropriada. Uma parte de vós que ama sem condição e atende sem limitação — que ama e cuida sem qualquer constrição. E essa parte está a despertar. Essa parte está, agora, a despertar.

Em quinto lugar, a criança mágica diz sempre a verdade. Não mente, não os bajula, não disfarça — é educada, sim — mas não disfarça. Não vai dizer:

"Vais conseguir o emprego, sim."

— se souber que não o vão conseguir. Vai dizer a verdade. Vai denunciar os vossos jogos. Vai confrontar as vossas hipocrisias por dizer sempre a verdade. A criança mágica tem acesso aos outros reinos, a todos os conhecimentos — aos

planos superiores e a toda a informação. Pode ir e vir à vontade, e assim recolher e trazer-lhe conhecimento desses planos superiores.

E o sétimo poder: a criança mágica cria sempre a realidade de forma mágica — nunca de forma pragmática, nunca de forma lógica. Ela não conhece lógica nem pragmatismo. Conhece a magia. E ela obtém sempre sucesso, sim. Sempre. Porque a magia resulta.

Vejam, a vossa realidade está a acelerar rapidamente. E isto é apenas o início desta década, que trará mudanças tão imensas que, quando terminar, não reconhecerão o mundo. Já ouvem as notícias extraordinárias de que, no século XX, nos anos 1900, cerca de 90% de todos os cientistas que alguma vez existiram estavam vivos. E, durante a vossa vida, essa percentagem manteve-se: 90% dos cientistas que já existiram encontram-se vivos agora.

"Impressionante! E significativo."

Nesta década, o número de mudanças vai ultrapassar décadas — até séculos — de evolução anterior. O tempo está a acelerar. E isto não é apenas uma metáfora poética — é real. E as vossas visões estão a concretizar-se. Estão mesmo. Os sonhos que tiveram estão a acontecer. E há uma parte de vós que conhece a verdade mais elevada, que é perdoada e perdoa os outros, que ama sem condições e sem restrições, que diz sempre a verdade, que tem acesso aos reinos superiores e aos seus conhecimentos, que pode criar tudo magicamente — e fazê-lo com sucesso. Nem sempre o conseguirão logicamente. Nem sempre pragmaticamente. E cada vez mais irão constatar que cada vez menos faz sentido. E é por isso que muitas pessoas enlouquecem.

"Mas isso não faz sentido!"

Tem razão. Já vê isso a acontecer. Já o ouvem.

"Isto deixa os especialistas confundidos." "Não segue o padrão." "Não respeita a tradição histórica."

Vejam os mercados — as coisas já não seguem as teorias. Vejam o desporto — já não acontece como antes. Vejam o governo. Vejam a vossa vida. Vão começar, finalmente, a ver isso, porque terem tapado os olhos e distorcido a magia para a fazer parecer lógica.

Mas mais e mais fará cada vez menos sentido. Vão precisar desta parte de vós não apenas para sobreviverem, mas para realizarem aquilo de extraordinário que, no fundo, já decidiram que vieram fazer. E esses poderes residem na criança mágica que estão em vós, que *é* vocês, e que, ao longo desta vida — e de muitas outras — permaneceu adormecida. Vejam: ela *não* desperta em todas as vidas. Está a despertar *agora*.

"E não será quando se está velho e reformado que a criança mágica desperta?"

Não, não é.

"Ou quando se é jovem, antes de ser marcado e corrompido pelo mundo?"

Também não. Não acontece assim. Está a acontecer *agora*. Noventa e noventa. Noventa e noventa, mais ou menos. Está a acontecer agora.

"E quanto às outras vidas?"

Pois bem, essas não tiveram acesso à criança mágica. Será injusto? É assim que é. Vejam: essa parte mágica de vós está agora a despertar. E se a ignorarem, se a deixarem em silêncio, se a abandonarem sob os véus da adaptação e do cinismo, se a mantiverem obscurecida pelas vossas ambições negativas, se a deixarem presa na incredulidade, não terão acesso a ela.

É por isso que precisam de resgatar a criança e o adolescente dos fenómenos negativos da ressonância e da absorção; porque precisam de compreender os ganchos e libertar-se deles, para poder descobrir esta criança mágica e utilizar o seu poder. E é disso que se trata a noite de hoje. Mas, antes de fazermos uma pausa, vamos realizar uma *fusão*.

Uma fusão não é uma meditação. A fusão é um momento para que silenciem e digam a vós próprios que estamos aqui para os acompanhar, para conversar convosco. Para estabelecermos, como a palavra indica, uma fusão da nossa consciência com a vossa, da nossa energia com a vossa, da nossa ressonância com a vossa. Comunicamos através deste corpo do canal, mas raramente estamos nele. Durante momentos de cura, durante cerimónias ou fins-de-semana intensivos, sim. Mas, fora isso, estamos na sala onde estão a escutar-nos — seja aqui no workshop, enquanto é realizado, ou aí no vosso quarto, enquanto ouvem esta gravação. Não precisamos de mover este corpo para os tocar. Isso seria incómodo, pouco elegante — e bastante arcaico.

Assim, se puderem, fechem suavemente os olhos onde estão. Ouçam a música, centrem-se, acalmem-se... E, ao centrar-se, imaginem. Imaginem. Imaginem um minúsculo ponto de luz no canto do vosso olhar. Apenas um brilho. Não maior do que um pirilampo. Não maior do que uma faísca de fogo-de-artifício. Mantenham essa imagem na mente, visualizem-na. Mas, por ora, imaginem apenas.

Imaginem que esse pequeno ponto de luz começa a crescer — começa a expandir-se até se tornar numa chama de vela a tremeluzir, sem pavio. Cresce ainda mais, torna-se numa esfera de luz, numa esfera de amor. Na verdade, uma miríade de pequenas luzes, de lampejos de amor e de brilhos de luz reunidos e a girar até formarem uma elipse vertical — uma esfera de luz. Porque essa é a forma que

usamos. Não temos forma, na verdade. Mas esta é a forma que usamos para estar consigo, para lhes dar a saber que estamos aqui, para lhes dizer que os amamos. E sintam essa esfera de luz a aproximar-se agora para estar convosco, onde quer que estejam sentados. Mesmo aí, ao vosso lado. Talvez à vossa frente, ou à esquerda, ou à direita — ou talvez para vós seja mais fácil senti-la atrás. Não importa — ela está convosco.

E, se estivermos à vossa frente, estendemos a luz para pegar nas vossas mãos. Se estivermos à esquerda ou à direita, estamos ali para os amparar. E se estivermos atrás, recostem-se e descansem no amor e na luz que temos para vós.

Deixem que sejamos apenas nós e vós — ninguém mais — apenas nós os dois dentro de vós. Há uma criança, uma criança interior que é muito real. Os vossos especialistas e teóricos estão agora a alcançar essa verdade. Mas um dia, irão descobri-la e anunciá-la como se fosse algo novo, como se tivessem tido uma grande revelação. Tudo bem.

Há também um adolescente em vós. E há uma parte parental. Todos os três existem dentro de vós, são reais e têm os seus próprios desejos e necessidades: a criança, que anseia por ser amada na perfeição; o adolescente, que deseja ser compreendido com perfeição psíquica; a parte parental, que acima de tudo procura aprovação. Uma criança centrada em vós. Um adolescente arrogante. Ou um parente comprometido, a chamar "contentamento" à resignação. Há a vítima, o mártir, a busca por vindicação. Há a falta de defesas, a defensiva e o estado de desesperança e impotência que cada um deles experimenta.

E esses tornam-se os ganchos que os mantêm presos. Enquanto esses forem os vossos motivos, não serão mais do que uma criança, um adolescente ou um parente — mas não um adulto. E não vós próprios. Mas há algo mais aí, sabem? Perdido no silêncio. Escondido atrás dos véus da adaptação e do cinismo. Ofuscado pelas vossas próprias ambições negativas. Envolto na incredulidade. Há uma criança mágica — diferente de todas as outras, mas tão real e vibrante quanto elas.

E essa criança mágica não tem tido importância, pois esteve adormecida. Pessoas excecionais encontraram-na. Ao longo da história da humanidade, houve aqueles que, de forma excecional, tropeçaram nessa magia e a despertaram dentro de si. Mas, para a maioria, essa criança permaneceu adormecida — e ignorá-la era aceitável. Mas agora... agora, as coisas são diferentes. Talvez nos tenhamos esquecido de lhes dizer — embora não acreditemos que sim.

A metafísica funciona. E, se praticarem metafísica, tornam-se metafísicos. E, enquanto metafísicos, deixam de praticar — passam a *agir*. E o vosso mundo responde. E *é*. E agora essa criança mágica está a começar a despertar. Está a agitar-se, a remexer-se. Por vezes, sentem um "pontapé". Ouvem-lhe a tosse. Ouvem-lhe

um murmúrio. Ouvem-lhe o chamamento. Mas não sabem o que é. Algo lhes faz cócegas no peito. Algo sobe pela coluna acima. Ah, não se preocupem — já passou. Está tudo bem. Mas está a começar. Compreendem? Está a começar a acordar.

Podem ignorá-la. Podem relegar a criança, o adolescente e o pai para meras técnicas insuficientes. Ou podem despertá-la. Acordá-la. E *usá-la*. Usar a sua imensidão, a sua magia, a sua verdade mais elevada. O perdão de si mesmo. O perdão aos outros. O amor sem condições. A honestidade. A verdade. O acesso — acesso aos reinos superiores, aos reinos interiores, aos reinos profundos. *Todos* os reinos. E a magia — que *funciona sempre*. Ela está aí, queridos.

Meditação

Muito bem, a meditação é suficientemente simples, suficientemente óbvia, e está igualmente gravada, para que possam regressar a ela sempre que quiserem fazer esse trabalho de forma mais específica. E à medida que forem despertando essa criança mágica, à medida que forem trabalhando com as técnicas de que falaremos em breve, irão descobrir que a meditação acrescenta maior profundidade, maior riqueza e resultados mais profundos — claramente. Ela é o esqueleto dentro do qual podem trabalhar.

Mas como trabalhar? Como utilizar esses poderes? Como despertar essa criança e usar esses dons? Certamente, há procedimentos passo-a-passo que poderão seguir. Levarão algum tempo, é verdade — não é um simples um-dois-três — mas podem trabalhá-los.

Cada um ao seu próprio ritmo. Para alguns, tudo se encaixará de forma natural em poucas horas, talvez um ou dois dias — e ficarão bem, já a caminhar maravilhosamente nesse reino mágico. Outros poderão demorar um pouco mais, pois precisarão de lidar com as suas próprias incredulidades, com as suas crenças, com as suas ambições negativas ocultas, com os seus processos de adaptação ou com o cinismo oriundo da sua criança ou adolescente adaptativos, ou do seu pai crítico.

Então o que fazer? Primeiro, é importante revitalizar a relação que têm com a criança e com o adolescente. Conforme dissemos, e como sabem por experiência, própria muitos de vocês já trabalharam com eles antes — mas deixaram-nos escapar. Fizeram grandes promessas de que iriam trabalhar com a vossa criança todos os dias — ou pelo menos uma vez por semana — e isso não aconteceu.

Mas tudo bem. Não são maus, nem erraram, e certamente não precisam de ser castigados perdendo o acesso a eles. Mas precisam, sim, de revitalizar essa relação — resgatá-los, por assim dizer, do fenómeno de ressonância negativa e da absorção. Porque a criança e o adolescente tornaram-se, para muitos, apenas mais uma técnica no meio de tantas outras. E esse é o problema da absorção, não é?

Se tiverem duas técnicas, mantêm-nas ativas. Mas quando têm cinquenta ou sessenta, é fácil deixar algumas cair no esquecimento e perderem-se como "somente mais uma técnica." Certamente que há técnicas que se usam e depois se abandonam, à medida que surgem outras mais eficazes — como quando falamos do perdão e, mais recentemente do fogo: o fogo místico da paixão e da compaixão — novas abordagens ao perdão, sim; não têm de se prender à técnica antiga. Mas neste caso, a criança *não* é uma técnica a ser descartada. Tampouco o adolescente. Por isso, precisam de os resgatar dessa obscuridade da absorção e do estado de "não serem suficientemente bons" que a ressonância negativa lhes conferiu. E, por isso, recomeçar o trabalho com a criança e o adolescente *não* precisa de ser algo que consuma muito tempo.

Podem enquadrá-lo entre as vossas demais atividades ou reservar um momento especial e precioso apenas para isso. Aqueles que já o fizeram, e que mantiveram essa criança e esse adolescente vivos e presentes até agora, já completaram, de certo modo, o primeiro passo. Mas para os restantes, é necessário revitalizar essa energia. Agora, é provável que surja culpa:

"Sou terrível, abandonei-os outra vez… tal como sempre me senti abandonado…"

Não precisam de entrar nessa espiral. Eles não vão reagir assim. Eles estarão lá. Lembrem-se: são vocês quem vive com tempo e espaço cronológicos — não a criança nem o adolescente. Por isso, mesmo que tenham passado meses — ou, no caso de alguns, *anos* — desde a última vez que trabalharam com essas partes, podem regressar como se tivesse sido ontem. E eles absorverão essa energia e estarão convosco nesse espaço.

O primeiro passo passa por resgatá-los da obscuridade da absorção e da ressonância negativa. E com isso, o primeiro passo inclui: dar-lhes aquilo que querem. Deem à criança o que ela deseja, algo que se aproxime de amor perfeito. Dá ao adolescente aquilo que mais se aproxima de compreensão. Mão faz mal que a tua criança seja autocentrada — não tentem obrigá-la a crescer. Deixem-na ser criança, deixem-na ser autocentrada — não tem importância.

Ajudem-na a entender que o pai não morreu por a ter abandonado. Ajudem-na a perceber que a mãe não está a agir daquela forma por a odiar. Talvez ela tenha os seus próprios problemas, as suas limitações psicológicas — talvez tenha a sua própria criança e adolescente com que lidar. Não é para justificar, mas para *ajudar a compreender*. Deixem-na sentir-se vítima, se for esse o caso. *Vocês* assumem a responsabilidade. Vocês são responsáveis por criar a realidade que ela deseja. Não esperem que a criança visualize ou medite — vocês fazem isso por ela. Travem as vossas batalhas, sim. Defendam-na.

Se a criança tiver um problema com o vizinho, vão e enfrentam o vizinho — em meditação, por favor! (Riso.) Se houver um valentão na escola, vão lá e enfrentam o valentão por ela. Se alguém a estiver a magoar, vão falar com a pessoa e com os seus pais. Defendam-na. Cuidem dela. Assumam essa responsabilidade. Deixem-na ser autocentrada e ofereçam-lhe o amor que ela quer — *na forma que ela quer*.

"Quero aquele pónei, quero aquele comboio elétrico que nunca recebi, quero aquele brinquedo especial que custava demasiado e que o meu pai nunca me compraria."

Tudo bem. Em meditação, podem comprá-lo — podem dar-lhes tudo o que quiserem.

"Sim, mas isso não é amor verdadeiro…"

É isso que ela quer. Deem-lho. Deem-lho. Um dia, quando forem adolescentes ou adultos, aprenderão, não é verdade? Mas deixem-nos querer e deem-lhes aquilo que desejam. Da mesma forma com o adolescente. Deem-lhe o que ele quer.

"Quero o meu pai de volta, ele morreu e quero o meu pai de volta."

Está bem. Deem-lhe o pai de volta.

Ou então:

"Não, não o quero de volta. Quero um novo. Dá-me um novo." — conforme já falámos.

Certamente. Podem dar-lhes o que quiserem, e por isso devem fazê-lo.

"Como teria sido a minha vida se tivesse recebido aquele comboio elétrico? Ou se tivesse sido convidado para aquela festa de aniversário? Ou incluído naquela noite de pijama? Ou se tivesse tido um pai que me tratasse desta maneira em vez daquela?"

Ao darem-lhes isso, irão ver como teria sido diferente — porque *vocês* vão mudar. Deem-lhes o que querem, à medida que ressuscitam essa energia. Deem-lhes aquilo que pedem.

O segundo passo para ativar e trabalhar com os poderes da criança mágica é falar com a vossa própria criança interior e adolescente sobre traição e abandono. Vão ficar assustados.

"Agora conheceste uma nova criança com quem brincar, vais ignorar-nos. Agora que conheceste alguém que pode fazer todas essas coisas e trabalhar contigo, já não vais ajudar-nos."

Precisam de ser tranquilizados — não estão a ser substituídos. A criança mágica não é um substituto da vossa criança interior. Não é. E é importante que compreendam isso. A vossa criança interior é real, e não pode simplesmente ser substituída por um modelo "melhor." É necessário que transmitam à criança e ao adolescente que *não estão a ser substituídos*.

"Esta pode ser a tua nova amiga."

A vossa criança mágica e a vossa criança interior podem ter uma relação maravilhosa. Apresentem-nas uma à outra — e não tenham ciúmes da amizade que possam desenvolver. O amigo imaginário que muitos de vocês tiveram — ou que gostariam de ter tido mas de que vos dissuadiram — é essa criança mágica interior.

O adolescente pode também ter uma relação com essa criança mágica, aquela que secretamente desejava quando, à noite, ficava acordado a sonhar que alguém faria aquilo que tanto desejava. Que apareceria um duende mágico, ou uma figura encantada, que pudesse transformar o mundo.

Pois bem, agora podem apresentá-los. Podem permitir que a vossa criança e o vosso adolescente desenvolvam uma relação com a criança mágica — *depois* de estabelecerem a vossa própria. *Vocês vêm primeiro.* Porquê? Por serem vocês quem cria as meditações deles. São vocês quem cria a vossa realidade de forma consciente. São vocês que estão no comando. São vocês quem vai à frente.

Mas não se trata de substituição — trata-se de *expansão*. É adicionar profundidade à relação — não eliminá-la, abortá-la nem alterá-la. E é essencial que expliquem isso à criança e ao adolescente. Não se trata de uma conversa superficial — alguns de vocês irão precisar de mais tempo. Para alguns, a criança e o adolescente dirão:

"Tudo bem, fixe, estou a bordo."

E estarão mesmo. Para outros:

"Não sei… não acredito em ti… não confio em ti…"

Tudo bem. Pode ser necessário trabalhar com eles por mais tempo. Para alguns, isso pode significar duas ou três meditações, ou mais, até que se sintam seguros e compreendam que *não* estão a ser substituídos. E, claro, não os substituam.

O terceiro passo é criar um *lugar mágico* — não apenas um "lugar seguro", mas sim um *lugar mágico*.

Sabem que, nas vossas meditações, temos incentivado que comecem por um lugar seguro. Pode ser ao ar livre — conforme sugerimos com frequência, pois dá mais liberdade — ou pode ser num espaço interior, conforme for mais natural para

vós. Cada um tem o seu próprio lugar seguro para onde pode ir. E a partir desse lugar seguro — onde todas as meditações deveriam começar — deverão então seguir adiante. Mas agora precisam de criar um *lugar mágico*.

"Um lugar onde eu e a minha criança mágica nos encontramos."

Talvez seja ao ar livre. Talvez seja dentro de casa. Talvez seja um lugar que já viram ou imaginaram, sem saber porquê — e agora sabem porquê. Um *lugar mágico*. É diferente do lugar seguro, embora também seja seguro, sim.

"Este é o local em que me encontro e trabalho com a minha criança mágica."

Ela pode visitar outros lugares no vosso mundo meditativo, claro. Mas este é o ponto de encontro. Alguns decidirão colocá-lo no plano causal, outros escolherão o submundo do inconsciente, outros ainda preferirão os seus mundos interiores — onde quer que seja, criem um lugar mágico. Esse é o terceiro passo.

O quarto passo é deixar cair a vossa própria *ambição negativa*. Agora, a ambição negativa pode ser "Ambição Negativa" (com maiúsculas) — ou pode ser uma ambição negativa mais subtil. Talvez tenhas uma Ambição Negativa quanto à vida:

"Quero que este projeto dê certo. Quero que aquela amizade se concretize. Quero obter aquela promoção..."

E, com isso, poderão igualmente ter ambições negativas — das mais pequenas às maiores. Qualquer desejo específico:

"Sabes, o que eu quero mesmo é conseguir aquele emprego, ou fechar aquele contrato, ou finalmente pôr este projeto a andar," seja o que for.

Tudo bem — é aí que devem olhar para a vossa ambição negativa.

"Será que estou à espera que este sucesso me traga amor perfeito, compreensão perfeita ou aprovação perfeita? Será que estou a tentar justificar o meu egocentrismo, a minha presunção, ou a corrigir erros passados acumulando sucessos? Estarei à procura de vingança para mostrar que tinha razão? Estarei à procura daquele afastamento orgulhoso, de uma falsa autoestima alimentada por intenções e validações externas?"

Se sim, quero libertar-me disso. Isso *não* significa que tenha de desistir do projeto. Não significa que tenha de abdicar daquilo que quero. Apenas preciso de libertar-me *dessa parte* — abandonar isso. É muito importante.

Alguns de vós poderão querer trabalhar a ambição negativa em relação à missão de vida que tenha:

"Estou a ver que está toda orientada por estes quatro ganchos…"

E isso também pode ser trabalhado nesse lugar mágico.

"Mas quando vou a esse lugar e quero trabalhar com a minha criança mágica, quero também libertar-me desses ganchos — de todos os quatro. Talvez só tenha dois deles. Talvez veja que não estou à procura de vindicação, mas sim de aprovação externa, e talvez acredite que este sucesso me trará o amor perfeito que nunca tive. Portanto, tenho dois dos quatro ganchos. Quero libertar-me deles."

Reconhecem-nos. Aceitam-nos. Perdoam-se por eles. E depois… *abandonam-nos*. Em relação àquele tema que estejam a perseguir, ou àquele aspeto da vossa vida que estão a viver, libertam-se da ambição negativa que possa estar ligada a isso. Podem até descobrir:

"Não, não há nenhuma."

Ótimo. Avançam. Passam ao passo seguinte. Mas o passo quatro existe precisamente para lhes dar essa oportunidade de "alisar os cantos," para que não fiquem presos neles de novo.

O quinto passo é trazer essa criança mágica. Normalmente, ela terá o mesmo sexo que vós, pois é uma parte de vós. Pode haver exceções, mas serão raras. Essa criança mágica não vai parecer-se com a vossa criança interior. Não terá necessariamente o mesmo aspeto que tinham em pequeno — embora possa apresentar algumas semelhanças. Mas é uma criança distinta, única — com uma aparência diferente.

Pode estar vestida como um pequeno feiticeiro — com um chapéu pontiagudo, luas e estrelas no manto, mangas longas de seda — talvez um pouco desajeitada, com ar divertido e encantador. Pode estar apenas com uma t-shirt às riscas, uns calções com elástico e meias caídas — seja como for, deixam que seja o que *é*. Pode até mostrar-se envolta em vestes fluídas que não se pareçam nada com as de um mago, mas que têm uma aura própria, uma certa majestade.

Encontram essa criança mágica que já vislumbraram, talvez aquela que viram a brincar com um arco e um pau, e desenvolvem uma relação com ela. Para alguns, isso pode ser difícil:

"Mas é uma criança, e estou a tratá-la com tanto respeito…"

Por ser tão difícil respeitar os mais pequenos? Mas, mesmo assim, é importante cultivar essa ligação. Não precisam de se aproximar com formalidades, reverências e vénias. Não — é um amigo. Está ali. É parte de vós. Podem construir essa amizade, essa comunicação fácil, essa proximidade — para caminhar juntos, sentar-se juntos, arrancar pétalas de margaridas a perguntar "ama-me, não me ama," soprarem dentes-de-leão em flor e verem-na dançar ao vento. Para estar juntos — frescos, livres — como duas crianças.

Nos textos bíblicos, fala-se em "vir como uma criança" — *não no sentido infantil*, mas com espírito de criança. E, nesse mesmo espírito, permitem-se restabelecer esse laço. Para alguns será fácil — fluirá maravilhosamente. Para outros, pode demorar mais tempo. Mas desenvolvem essa relação. Falam com essa criança sobre os vossos problemas, sobre o que querem criar. E, muitas vezes, ela irá interrompe-los… para lhes dizer uma verdade mais elevada do que aquela que estão a contar a vós próprios. Pode apontar-lhe contradições:

"Espera aí… ouço-te dizer uma coisa, mas vejo-te a fazer outra. Afinal que é que queres?"

Pode perguntar:

"Pareces tão zangado com toda a gente… como podes dizer que os amas?"

"Pois é… não sei. Deixa-me pensar sobre isso. Vou olhar para isso."

Pode mostrar-lhes, nesse sentir:

"Isso é fácil. Só tens de ficar de cabeça baixa e assobiar."

Pode dizer:

"Eu faço isso por ti."

E pode mesmo pôr-se de cabeça baixa e assobiar.

E vocês pensam:

"Isso não pode ser…"

Lá vem de novo a vossa incredulidade. E têm razão — não *pode*, desde que tenham decidido que não pode. Mas… porquê? Conseguem mesmo apresentar uma boa razão pela qual, se a vossa criança mágica disser que tudo o que é preciso é ficar de cabeça baixa e assobiar, e ela o fizer, isso *não* possa resultar? Por que não seria válido? Talvez… talvez seja exatamente isso que ela está a tentar mostrar-lhes.

Falem-lhes dos vossos problemas, dos assuntos que querem resolver, das coisas que querem criar, das alegrias, das conquistas, das celebrações. Desenvolvam esse vínculo e comuniquem com ela. Muitas vezes, ela vai dizer-lhes o que precisa de ser feito, o que têm de limpar, com o que precisam de trabalhar primeiro, ou que técnica usar — ou até oferecer-lhes para o fazer por vós:

"Ah, isso é fácil. Eu trato disso. Tu vai para casa e espera — vai acontecer."

"Mas… será mesmo possível criar a realidade assim?"

É. Numa palavra: *sim*. Talvez ainda não consigam *começar* dessa forma, porque ainda precisam chegar a esse ponto. Mas, uma vez que lá estejam… então sim, podem mesmo viver assim.

Mas, ao trabalharem com ela dessa forma, compreendam: ela não substitui o vosso Eu Superior, nem os vossos conselheiros — *complementam-nos*. Conforme já dissemos, um dos poderes da criança mágica é que ela tem acesso a outros reinos. Por isso, ao trabalharem com ela, ao despertá-la dentro de vós, irão notar que a vossa comunicação com o vosso Eu Superior melhora significativamente. Vão perceber que o trabalho com os vossos guias se expande de forma exponencial. Muitas das técnicas que antes pareciam pouco eficazes passam agora a funcionar de forma surpreendente.

Porque a criança mágica tem acesso a esses domínios. E, com um toque de magia, a profundidade da visualização, da transformação, da emoção — pode, de repente, ser *outra*. Ela pode *fazer coisas*. Se se permitirem rececionar a sua magia, o seu poder — essa imensidão de poder — ela poderá fazer acontecer com um estalar de dedos, um piscar de olhos, um simples sorriso — *se vós permitirdes*. E, se seguirem os procedimentos passo a passo, *vão permitir*. Pode levar-lhes algumas semanas ou meses. Para outros, acontece, conforme dizemos, como um relógio — em poucos dias. Mas *vai acontecer*.

Portanto, o quinto passo passa por comunicar, criar uma ligação, envolver-se, disponibilizar-se para aceder ao poder da verdade mais elevada, ao poder do perdão — de perdoar os outros, de se perdoar a vós próprios — ao amor, ao poder de dizer a verdade, de aceder aos reinos e de oferecer soluções mágicas — que funcionam sempre. Abram-se a esse poder através do vínculo, da relação, da conversação com a criança mágica. Se estiverem a trabalhar no perdão de vós próprios, trabalham com a criança mágica. Despertam essa parte — e irão descobrir que as vossas práticas de perdão funcionam como nunca antes. E se apurarem:

"Preciso de perdoar os outros, por estar a mantê-los numa prisão, assim como a mim próprio. Não porque eles não tenham feito algo errado, mas por estar cansado desta roda interminável — quero seguir em frente com a minha vida. Há coisas mais importantes a fazer do que viver preso a rancores."

A criança mágica pode ajudá-los.

"Eu sei que não paro de culpar, e tento parar…"

A criança mágica pode ajudá-los, por ela amar sem condições, e por ela conhecer a verdade mais elevada. Podem recorrer a esse poder e usá-lo nas realidades que criam, nos mundos que criam.

O sexto passo, passando o quinto pela relação e da utilização do poder, consta de *esperar soluções*. Esperar soluções mágicas.

"Bem, fiz todo este trabalho com a criança mágica, mas foi só fantasia… foi rápido demais… aquilo não vai acontecer de verdade…"

Está bem. Ou então podem encarar de outra forma:

"Claro que pode ser diferente agora. Pode ser mesmo diferente."

Por isso, esperem soluções mágicas. Esperem soluções miraculosas. E quando lhes forem oferecidas, aceitem-nas. Se a criança mágica lhes disser para fazer esta ou aquela meditação… claro, se estiverem a criar dentro de vós vozes que sugerem coisas ridículas ou prejudiciais — como, por exemplo:

"Ir ao escritório, subir para cima da secretária, despir-me e gritar aleluia três vezes…"

…é óbvio que não recomendamos isso. A criança mágica *não* vai sugerir nada que chamemos de "invasivo" ou prejudicial. Se isso surgir, não estão a falar com a vossa criança mágica — estão a falar com o vosso ego, ou com um "lobo disfarçado." Ah, pois — que olhos tão grandes, não é? Mas sigam os conselhos da criança mágica. Confiem.

E o último passo, a última qualidade desse processo de despertar da criança mágica, consta de *trabalhar com a dádiva*. Levem-lhe presentes. Em meditação, ofereçam-lhe pequenas coisas que imaginem ela gostasse de receber.

"Mas ela não me disse o que queria…"

Pois sim — e então ficam bloqueado, não é? Assim interrogam-se: *o que é que a minha criança mágica gostaria de receber?*

Que presente, que pequena alegria, que coisinha preciosa poderão levar-lhe em meditação? Mas sejam igualmente recetivos às *dádivas que ela lhes quer oferecer*. Trabalhem com as dádivas.

Grande parte do que a criança mágica faz convosco é através de *dádivas*: presentes que surgem do nada, presentes que ela lhes dá quando pedem, presentes que vós *precisais* de lhe dar — por quererem, por se sentirem inspirados a fazê-lo.

Talvez o vosso presente seja contar-lhe uma história de um sucesso vosso.

"Esta é para a criança mágica."

E então, quando falarem com ela da próxima vez, lembram-se de lhe contar — de lhe *oferecer* esse sucesso como um presente. Trabalham com dádivas.

Mas, se seguirem estes passos, que podem parecer complexos mas são, na verdade, bastante simples, irão despertar a criança mágica dentro de vós. E aquilo que pode acontecer — uma avalanche de sucessos, de encantamento, de transformação — é algo que nem mesmo as palavras, nem mesmo as *nossas* palavras, podem verdadeiramente descrever.

Ao longo da história, sempre existiram indivíduos — pessoas verdadeiramente excecionais — que despertaram essa criança dentro de si. Pessoas que criaram vidas de magia, que não tiveram medo de viver no sonho e na realidade — por vezes a caminhar entre ambos, por vezes sobrepondo-os, por vezes tornando-os um só.

Essa criança dentro de vós está agora a mexer-se, a despertar, a dar sinais de vida. Podem ignorá-la, silenciá-la e mantê-la adormecida… assim como poderão acordá-la e disponibilizar-se a usar os poderes desconhecidos dessa criança mágica. Nunca, na história da humanidade, ela despertou como está a despertar agora. Sois vós quem está mais perto agora de o fazer e de o viver em larga escala. Isso faz parte do *despertar*.

Quando se fala de poder, responsabilidade, força —

"Sim, eu quero isso."

Mas como se consegue isso *na prática*? Não basta andar por aí a dizer:

"Eu assumo responsabilidade, eu assumo responsabilidade…"

Nem repetir:

"Eu sou poderoso, eu sou poderoso… sou, sou, poderoso, poderoso…"

Como se implementa isso no quotidiano? E a força — já falámos sobre as forças emocionais. Talvez saibam:

"A minha força assenta na criatividade."

"Tenho a paixão como força, e por isso também a capacidade de sonhar, de ter visões."

Mas como se vive isso? *Como* se faz?

É *assim*. É aqui que começa. Nesta primeira fase do despertar. É aqui que deixam de se sentir "insuficientemente bons." É aqui que ativam o sucesso milagroso. Utilizando os poderes desconhecidos da vossa criança mágica. Essa é a *Fase Um* — o tempo do fogo. É *assim* que fazem aquilo que querem fazer. De forma prática, sim — mas também *mágica*.

Foi uma enorme alegria trabalhar convosco esta noite. E continuará a ser, nos próximos dias, fins-de-semana e intensivos que hão de vir — como o próximo *programa intensivo* aqui em São Francisco, neste hotel, com o tema *Encontrar o Caminho de Volta a Casa*. Esse intensivo marcará uma mudança na própria natureza dos *programas intensivos*. A profundidade, certamente. Continuaremos a dar palestras, a ter conversas, momentos de diversão e gargalhadas, fusões de

energias. Meditações. E continuaremos a planear interações individuais convosco — só que de forma diferente do que tem sido até agora.

Até aqui, foi importante trazer à superfície *as coisas*: o que a mãe fez, o que o pai fez, os medos, as dúvidas, as vergonhas, as dores, os abusos. E falar sobre isso. Ainda que soubessem que criam a vossa própria realidade, era necessário, de certo modo, *dizer mais uma vez*, deitar para fora, descobrir, compreender. Mas vós estais a crescer. E o vosso mundo está a mudar. Por isso, chegou o momento de avançar para um *outro tipo* de processamento.

Nos *programas intensivos* futuros, deixaremos de dizer apenas "o que lhes aconteceu na infância? Vamos falar sobre isso." Vamos processar de uma forma diferente — mais profunda — sobre *outros* temas. Sim, esse tipo de processo ainda é importante e será feito convosco em momentos privados, assim como nas fusões. Mas nos *programas intensivos*, o formato mudará. E marcará uma mudança em *todos* os *programas intensivos* e workshops a partir daí.

Quer trabalhemos convosco num *programa intensivo*, quer no silêncio da noite — na profundidade de uma fusão ou no âmago do vosso sonho — é sempre uma alegria, é sempre um prazer. E assim, a cada um de vós, e a todos, encerramos agora… oferecendo amor e paz.